



BLUMENAU

em CADERNOS

Outubro 1983

Nº. 10

TOMO XXIV

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Outubro de 1983

Nº. 10

SUMÁRIO

Página

Nossa gráfica pede socorro	238
“Musikkapellen”, Festas, Salões, Bailes	239
Solidariedade Humana	242
Aconteceu... ..	244
História Romanceada de Hermann Blumenau, na Alemanha	248
Autores Catarinenses	254
Diário de viagem do imigrante Paul Schwartz	255
“Weingarten” em campanha pró-Blumenau	260
Um exemplo de escotismo	262
Mensagens que confortam	265
Prefeito Dalto dos Reis recebe jornal alemão	267

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Nossa gráfica pede socorro

As trágicas conseqüências das cheias do presente ano em Blumenau se fizeram sentir em todos os segmentos da comunidade blumenauense. E como não poderia deixar de ser, aqui na Fundação "Casa Dr. Blumenau", além da Biblioteca e do nosso Museu, também o nosso pequeno parque gráfico sofreu tais conseqüências. Tanto assim que vem sendo muito difícil conseguirmos manter a normalidade das edições desta revista. Nossa máquina Linotype, a principal alavanca de garantia na composição da matéria, está às portas de sofrer um colapso. Isto porque, tendo permanecido vários dias submersa sob as águas barrentas, teve suas principais e delicadas peças atingidas, inclusive o sistema elétrico em geral. A máquina impressora também sofreu terrivelmente o efeito das águas barrentas. E como arremate final, toda a secção tipográfica — caixas de tipos diversos para títulos, etc. — foi atingida e parcialmente destruídos seus madeirames, causando um verdadeiro empastelamento do qual até agora ainda não conseguimos sair de todo.

Os estragos, portanto, em nossa pequena gráfica, a garantia da sobrevivência de nossa revista, foram quase totais. E como se isto ainda não bastasse, não foi possível salvar todo o estoque de papel que com tanto sacrifício havíamos conseguido estabelecer para garantir a impressão destas páginas, e que também ficou submerso. E então o desastre se completou.

Se estamos surgindo nestes últimos dois meses com a nossa revista, devemos tão somente ao denotado esforço e dedicação dos rapazes que atuam em nossas oficinas e que amam tanto como nós tudo o que existe nesta Fundação, em especial "Blumenau em Cadernos". Mas não será possível continuarmos na luta sozinhos. Por isso que, a partir de agora, vamos bater à porta de amigos que sempre ajudaram a manter a normalidade das edições desta revista, para que nos auxiliem substancialmente afim de que possamos reorganizar e equipar nossa gráfica, recondicionar nossa máquina de compor, para que pelos anos afora que ainda virão, não haja solução de continuidade na manutenção normal das edições de "Blumenau em Cadernos", considerada por tantos como uma sentinela avançada na defesa e proteção dos mais profundos princípios de pesquisa histórica e na formulação da história de hoje para os dias de amanhã. De antemão, na certeza de que seremos auxiliados, o nosso muito obrigado!

A Direção

"Musikkapellen", Festas, Salões, Bailes...

Edith Kormann

Esta foi a primeira retreta da banda de música do 55º. Batalhão de Caçadores em Blumenau, e que a partir dessa data passou a integrar a vida artística, social e cultural da Comunidade. Segundo o jornal "Urwaldsbote" de 5 de junho de 1909, a banda de música do 55º. Batalhão de Caçadores participou do desfile de festa dos Atiradores nos dias 31 de maio e 1º de junho de 1909, festa de Pentecostes. Os músicos do 23º. Batalhão de Infantaria tiveram atuação importante na Orquestra Sinfônica do Teatro "Carlos Gomes", sob a batuta do maestro Heinz Geyer.

A "Zigeunerkapelle" (conjunto musical cigano) não foi esquecida e na grande festa realizada no dia 22 de outubro de 1916, na Sociedade dos Atiradores com barraquinhas, café, rifas, etc..., com música no local, aparece pela primeira vez no salão, a "Zigeunerkapelle" com suas alegres "Weisen" ou canções. À noite, na sala do Teatro, música, quadros vivos, números de ginástica e baile. O trem da E. F. S. C. fez horário especial. A "Zigeunerkapelle" atuou por longos anos em Blumenau, participando também da grande festa na Sociedade dos Atiradores no dia 5 de maio de 1929. Para esta foram programadas todas as diversões costumeiras. Do concerto festivo, à tarde, participaram a Sociedade Musical "Lyra" sob a regência do maestro Heinz Geyer, a banda Wollinger, a orquestra de cordas da banda Boa Vista e a banda de Músicas Ciganas. Tudo foi organizado em benefício do fundo para o órgão da Igreja Evangélica e Sociedade das Senhoras Evangélicas de Blumenau.

O "Jazzbandkapelle" apareceu sob a regência do maestro Heinz Geyer e se apresentou pela primeira vez no "baile à fantasia, realizado no Teatro "Frohsinn" no dia 27 de fevereiro de 1927, às 8.30 horas."

As músicas de dança sempre foram tocadas por dezenas de bandinhas e em outros tantos salões, e as danças mais solicitadas eram as polcas, "schottisch", "rheinlaender", "laendler", quadrilha sueca, valsas.

Havia no bairro da Velha por volta de 1915, uma Sociedade de Quadrilha, que promoveu no dia 15 de maio de 1915, no salão Ehrhardt um "Kraenzchen" para o qual foram convidados os associados do salão Michels bem como, amantes de quadrilhas para participarem da promoção. O convite foi formulado pelo professor de quadrilha H. Schneider, tendo na parte musical a banda H. Scheneides e seus filhos. Quanto aos ingressos, os cavalheiros pagaram 1\$000 Rs. e as senhoras 200 Rs.

Os grandes bailes, geralmente, começavam com a "polonaise" e eram instrumentos de sopro, principalmente a trombeta que a marcava. Apesar do grande número de bandinhas e conjuntos musicais, as festas e os bailes também eram animados com o som bonito do

“bandônion”, que às vezes, também fazia parte do conjunto musical. Os “bandônions” eram muito requisitados, principalmente, nas festas de casamento.

Os bailes eram muito concorridos e os amantes de Terpsicore faziam longas caminhadas e viagens para participarem dos mesmos. Depois do baile era comum muitos dos participantes acompanharem os músicos pelas ruas da cidade, cantando.

Alguns bailes eram divertidíssimos principalmente quando eram intercaladas certas brincadeiras como a dança da vassoura. Na dança da vassoura um dançarino ou dançarina dançava com a vassoura, porém ao som da batida forte da vassoura no assoalho, os dançarinos trocavam de par, e aquele que ficasse sem par era obrigado a dançar com a vassoura.

Nos convites formulados para os bailes tanto sociais como públicos, sempre eram anunciadas as bandinhas e os respectivos salões onde os bailes eram realizados, através dos jornais da época. Além do salão dos Atiradores, Teatro “Frohsinn” e Hotel Holetz, foram inúmeros os salões, as bandinhas e as respectivas localidades, que realizavam regularmente os bailes, principalmente os bailes públicos, que marcaram a vida social de Blumenau. As bandinhas se revezavam entre os diversos salões das mais diversas localidades. A “Kapelle” Ruediger, além de tocar nos Atiradores, Teatro “Frohsinn” e Hotel Holetz, tocou no salão de Ernest Ehrhardt na Velha, salão de Arthur Lindner em Salto Weissbach e inúmeros outros salões. No salão de Arthur Vanselov de Nova Bremen tocou a bandinha Sperber; no salão G. Milchert de Timbó, a bandinha Geloscheck; no salão Fernand Schlupp de Matador, a bandinha Stadnik; no salão Fritz Stahnke de Warnov, a bandinha Weingaertner; no salão August Hammermeister de Benedito, a bandinha Ritzke; no salão Josef Bugmann Jr. de Hamônia, a bandinha Sperber; no salão August Maas de Arapongas, a bandinha Bohmann; no salão Laemmle de Nova Breslau, a bandinha Geyer & Gutz; no salão Berthold Schuhardt de Itoupavazinha, a bandinha Froehlich; no salão Hermann Remke de Massaranduba, a bandinha Jensen & Bruch; no salão Rudolf Thomsen de Velha-Tiefe, a bandinha Penzlien; no salão Richard Koepsel de Taquaras, a bandinha Zandere; no salão Robert Donath de Massaranduba, a bandinha Ritzke; no salão do Hotel Sprengel de Salto Weissbach, a bandinha Penzlien; no salão Wilhelm Piske de Baixa Mulde, a bandinha Gessner & Jelouscheck; no salão Braatz de Aquidaban, a bandinha Ladwig; no salão Alfred Kleist de Teste Salto, a bandinha Lingner; no salão Hermann Lippinski de Cedro Alto, a bandinha Borck de Jaraguá do Sul; no salão Oskar Kretzschmar de Nova Berlin, a bandinha Selbmann; no salão Reinhold Putzke de Altona, a bandinha Lingner e a banda do Club Musical Concórdia; no salão Alfred Peims, a banda da Empresa Garcia (esta, festejou seus 25 anos nos dias 5 e 6 de setembro de 1931 no Club Garcia); a bandinha Weingaertner no salão Hermann Hardt; a bandinha Wollinger no salão Bertram Erbert e salão Luiz Beck; a bandinha A. Gauche

no salão de Ernest Karsten; a bandinha H. Schneider no salão Adolf Schwantz e Alfred Beims; a bandinha "Deutsche Kapelle", no restaurante e salão de Joseph Zwoelfer e mais as bandinhas: Radloff, Liskow, Klueger, Freiheit (Liberdade), Engelmann, Koester, Novasky, Kuersten, Hauskapelle Hoff, Persuhn & Irmãos, Blum & Werner, Walter Baumgart, Harmonie, Wollinger & Ritzke, Seiler, Seelbach, Gustav Werner, Knaesel, Sociedade Musical "Lyra" e outras.

Quanto aos salões, além dos já citados, funcionaram ainda: Hermann Brehmer na Velha, Christian Michels em Nova Breslau e Hansa, Gustav Zimmermann em Fidélis, Domingos Tedesco em Garcia, Walter Mueller em Indaial, Mangold em Pomerode, Otto Jensen em Itoupava, Karl Harat em Indaial, Wehmuth em Gaspar, Hermann Hinkeldey em Garcia, Clemens Schroeder em Encano, Ernst Sierau em Garcia, Otto Lueders em Itoupava Central, Hermann Krug em Gaspar, Hermann Koepsel em Hamônia e Indaial, Hotel Modschiedler (antigo Franke) em Altona, Mueller em Timbó, Lang em Warnow, Seltmann em Timbó, Deggau em Gaspar, Heinrich Becker em Braço do Trombudo, Freyesleben em Trombudo Central, Elckermann em Timbó, Fiedler em Itoupavazinha, Gustav Otte no bairro de Bom Retiro, Hotel Silva em Gaspar, Hermann Hardt de Itoupava, Geselliger Verein Teutônia, Fritz Wolfram na Velha, Max Schoenau em Itoupava Noroeste, Alwin Weinrich em Garcia, Paupitz-Doell em Passo Manso, Hermann Ramthurn em Badenfurt, Heinrich Brueckheimer na Velha e ainda os salões: Blossfeld, Zastrov, Uber, Brandes, Sachtleben, Sterau, Franz Wamser, Edward Duwe, Hugo Strelow, Emanuel Merganz, Arnold Lueders, Paul Krause, Hermann Koch, Gutz e outros mais. Esses salões, bem como as sedes dos Clubes de Caça e Tiro, estavam sempre à disposição de qualquer manifestação social, artística, cultural e até política, pois além dos bailes, serviam para apresentar peças teatrais, prestidigitadores, cantores, músicos, corais, sessões de cinema e reuniões as mais diversas.

Os Clubes de Caça e Tiro que com a nacionalização se retraíram e estavam em fase de extinção, com o apoio do governo municipal, na década de setenta, por iniciativa do então Prefeito Municipal Evelásio Vieira, muitos reativaram as suas atividades, desfilaram na Semana de Blumenau, tendo à frente as bandinhas. Os Clubes de Caça e Tiro se reúnem atualmente no Grande Baile das Sociedades realizado em Blumenau sob os auspícios da municipalidade.

As "Musikkapellen" que sempre alegravam as festividades desde os primórdios da Colônia, durante a segunda Guerra Mundial sofreram uma série de restrições, principalmente no interior, onde os músicos quando "meio altos" cantavam em alemão. Sabe-se que muitas festas particulares inclusive casamentos, sofreram incursões de "nacionalizadores", e que muitos noivos (a noiva em traje de noiva) e todos os convivas do casamento foram levados para a cadeia pública do município, que funcionava no andar térreo da antiga Prefeitura Municipal. Da ponte Desembargador Pedro Silva, sobre o ri-

beirão Garcia podia-se ouvir os noivos e convivas presos, tocando e cantando em alemão com a maior naturalidade.

Entre todos os festejos, os de casamento eram os mais importantes e divertidos da Comunidade, e como as festas dos Atiradores, geralmente, duravam três dias. Os preparativos para essas festas eram feitos com muita antecedência e tanto o noivo como a noiva faziam a sua tradicional despedida de solteiro ("Polterabend"). Quando os noivos não promoviam o "Polterabend" era comum os vizinhos jogarem os cacos de vidro ou louça dentro da casa da noiva. O bonito dessas festas era o cortejo nupcial que em lugares sem estradas era feito à cavalo especialmente ajazado para a ocasião. Quando o cortejo era feito com carroças ou carros de mola ("Kutsche"), tanto as carroças como os carros de mola eram enfeitados com palmitos e flores.

Continua...

SOLIDARIEDADE HUMANA

Nemésio Heusi

O domingo estava chuvoso, feio, cinzento, desagradável; um vento fraco mexia, preguiçosamente, com as folhas das árvores, enquanto a irrovoada, alta e bem longe, em pouco estaria sobre Curitiba, anunciando que a tarde, talvez o tempo melhorasse e, melhorou, graças a Deus.

Não havia, portanto, manhã melhor do que esta para ligarmos nossa televisão. Eram oito horas da manhã, a voz calma e serena do Arcebispo da Cidade Maravilhosa estava falando sobre o programa que a Rede Globo abria: Nordeste — O Brasil em busca de soluções.

Enquanto o padre falava meus pensamentos voltavam-se para um programa semelhante que a mesma e notável televisão, transmitira sobre as enchentes nos três Estados sulinos. Meus olhos se encheram de lágrimas ao lembrar-me dos sofrimentos de meus conterrâneos com a tragédia das enchentes que abalou todos os lares de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, mas, ao mesmo tempo, era compensado pela alegria de ver um dos maiores exemplos de solidariedade humana que se alastrara pelo Brasil inteiro, comovido, penalizado, com a dor de meus conterrâneos, foi um espetáculo de grandeza humana que ficou marcado, indelevelmente, em nossos corações agradecidos e reconhecidos.

Vieram-me então as minhas recordações, bem nítida e clara, a cena que a Rede Globo filmara do nosso Governador Esperidião Amin, subindo as escadarias do lar daquela família paulista, que mandara para uma família do Rio do Sul, um pacote com roupas e alimentos, num gesto generoso e amigo de solidariedade humana,

que foi repetido por milhares e milhares de vezes, por toda a gente do Brasil formidável e carinhoso. Nosso governador ao agradecer aquela família paulista, agradecia as milhares e milhares de outras famílias que o mesmo fizeram de todas as partes do Brasil inteiro.

E domingo muito me comovi ao ver que aquela senhora que assistiu o desmoronamento de sua casa em Blumenau, que a Rede Globo filmara, num dos momentos mais comoventes das enchentes, trazia em suas mãos um saco de arroz para socorrer seus irmãos nordestinos, num gesto de retribuição, amor e gratidão .

Que exemplo edificante de solidariedade humana, que prova mais admirável de que Blumenau já cicatrizara as feridas deixadas pelas enchentes sucessivas deste ano, que destruiu quase tudo, menos a fibra de um povo que aprendeu a conviver com a própria tragédia, para que a cidade de Hermann Bruno Otto Blumenau, fundou com tanto amor e sacrifício, ressurgira de todas as tragédias que vem há séculos atingindo, cada vez mais solidária, unida e forte, para que a fúria do tempo possa, apenas, dobrá-los, mas nunca derrubá-los, porque eles são como as árvores que unidas mantêm as flores-tas sempre verdes, desafiando os séculos.

Aquela mulher com aquele saco de arroz nas mãos levando para seus irmãos nordestinos, é a prova insofismável da grandeza de um povo que não sabe baixar a cabeça, porque a tem sempre olhando para o céu na certeza de que Deus existe, dando-lhes a capacidade de construir cada vez mais humana, próspera e hospitaleira, uma das cidades mais lindas do sul do Brasil: Blumenau.

Se me foi possível escrever este artigo, devo-o as lindas e comoventes imagens televisionadas pela Rede Globo, que fez um maravilhoso programa por ocasião das enchentes no sul, o fez ainda melhor para os nossos irmãos nordestinos, que há cinco anos sofrem as terríveis conseqüências de uma seca impiedosa que transformou o nordeste um deserto árido e inabitável.

E então, o que vimos, foi um rosário espetacular de exemplos de solidariedade humana inesquecíveis e comoventes, numa constante sucessão de emoções que nos faziam chorar por sentirmos como é generoso e bom o povo brasileiro, que não mede sacrifícios em socorrer o próximo levando-lhes não só o calor da sua generosidade, como o estímulo da sua presença amiga.

E até às oito horas da noite desfilaram imagens cada vez mais vivas, singelas, comovedoras: ora uma preta velha de cabelos brancos trazendo um quilo de açúcar; duas crianças com suas latas-cofrinhos da poupança; um pobre operário desempregado nordestino em São Paulo, que nada tendo para dar, pedia chorando que dessem alguma coisa por ele, para sua mãe que lá ficara entre os flagelados; a surda-muda em seus gestos mímicos apelava para seus irmãos deficientes ajudarem os flagelados, enfim, foi um domingo farto e exuberante de toda sorte de solidariedade humana, que mostrou duas coisas extraordinárias: O grande e generoso coração do brasileiro, e que a Rede Globo, é sem dúvida, a maior Rede de Televisão do mundo, e não foi à-toa que mereceu este prêmio recentemente.

ACONTECEU... --- Agosto de 1983

— DIA 1º. — Neste dia, a imprensa divulgou nota declaratória da Comissão de Defesa Civil de Blumenau de que a medida exata alcançada pela enchente de 18 de julho foi de 15,37 (quinze metros e trinta e sete centímetros).

— DIA 2 — Neste dia, a cidade de Blumenau amanheceu invadida pelas águas de mais uma enchente, a sexta do ano, cujo volume atingiu 11,22 (onze metros e vinte e dois centímetros), causando danos e intranqüilidade à população, ainda sob o impacto emocional e trágico da enchente de 18 de julho, ou seja, de quinze dias antes.

— DIA 3 — A imprensa noticiou declarações do diretor do Centro de Saúde de que duas pessoas haviam morrido em Blumenau, vítimas da Leptospirose, uma doença fatal causada pela urina de rato trazida com a avalanche das águas e fácil contaminação quando em contato com o corpo humano.

— DIA 5 — Declarações do Governador Esperidião Amin Helou Filho, de Sta. Catarina, à imprensa do Estado, afirmam que os prejuízos sofridos no Estado com as chuvas e enchentes, atingiram à cifra de 500 bilhões de cruzeiros.

— DIA 7 — Neste dia, o jornalista e crítico de arte, Vilson do Nascimento, publicou em sua seção especializada, no Jornal de Santa Catarina-Arte/Painel —, uma nota informando que o jornalista e crítico literário Norton de Azambuja havia lançado a campanha intitulada “Livros para o Sul”, acolhida em jornais e televisão do Rio de Janeiro e de São Paulo. A campanha visa obter obras para restaurar acervos literários de instituições blumenauense, inclusive o da Biblioteca “Dr. Fritz Mueller”, também duramente atingida pelas cheias de 18 de julho.

— DIA 11 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis viajou com destino à cidade de Campinas com o objetivo de agradecer à população daquela progressista cidade paulista o auxílio recebido pelos blumenauenses, por parte do povo e governo do município campineiro, face aos prejuízos sofridos pelo povo desta cidade com as cheias de julho último.

— DIA 13 — Neste dia, o Grupo de Escoteiros Leões, exemplar instituição que tantos e tão bons serviços tem prestado a Blumenau, completou 25 anos de existência, fundado que foi a 13 de agosto de 1958. Desde então vem se destacando na participação da vida comunitária blumenauense e da região. Sua atual sede própria foi conseguida na década de 1970, quando esteve sob direção de Curt Max

Lebrecht, um dos mais entusiastas colaboradores da instituição e localização da sede à rua Pastor Oswaldo Hesse. Durante esta trajetória de 25 anos, o Grupo Leões se destacou na vida escoteira nacional, tendo conquistado, por diversas vezes os primeiros lugares entre os melhores grupos brasileiros.

— DIA 16 — Segundo nota divulgada pela prefeitura de Blumenau, os prejuízos resultantes das enchentes que assolaram o município desde o começo do ano, atingiram a cifra de Cr\$ 12.868.842.623,52, sendo que deste total Cr\$ 10.852.669.449,52 foram resultantes das cheias de julho e agosto, só no que se refere aos bens públicos mantidos pelas diversas Secretarias.

— DIA 18 — Neste dia, a Diretoria do Banco do Estado de São Paulo (BANESPA), faz entrega, ao prefeito Dalto dos Reis, a importância de Cr\$ 31.000.000,00, como resultado da campanha de auxílio às vítimas das enchentes, promovida pela Banco em todo o país, nas suas agências. Destes valores arrecadados, 25 milhões são das agências do Banco e seis milhões doados diretamente pela Diretoria do Banco.

— DIA 19 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis transferiu o cargo para o vice-prefeito Paulo Oscar Baier para, no dia seguinte, viajar para a Alemanha, na companhia do Secretário de Turismo Antônio Pedro Nunes, com o objetivo de obter recursos naquele país destinados ao soerguimento de Blumenau, cuja comunidade fora duramente atingida pelas enchentes.

— DIA 19 — Neste dia foi dada divulgação ao Decreto nr. 2.156, assinado no dia anterior pelo prefeito Dalto dos Reis, instituindo o "Projeto Nova Blumenau" resultante da Assembléia dos Cidadãos, realizada na Câmara Municipal, com a finalidade de reconstruir Blumenau.

— DIA 31 — Como primeira repercussão positiva da viagem do prefeito Dalto dos Reis à Alemanha, chegou neste dia, procedente da sra. Irmgard von Buch, da cidade de Duisburg, RFA, um cheque no valor de 150 marcos.

Setembro de 1983

— DIA 1º. — Com a presença de autoridades, foi aberta neste dia a Semana da Pátria em Blumenau, marcada com a solenidade de hasteamento das bandeiras em frente à Prefeitura e alocução alusiva, por um aluno da EBM Machado de Assis. A solenidade foi presidida pelo prefeito Paulo Baier, em exercício enquanto Dalto dos Reis, o titular, viajava pela Alemanha.

— DIA 1º. — Neste dia a Rádio Nereu Ramos de Blumenau

registrou a passagem de seus 25 anos de fundação. Foi fundada e até hoje é propriedade de seu fundador o ex-prefeito de Blumenau Evelásio Vieira. Junto com a emissora um destacado funcionário, locutor Virgílio Léo, também registrou seus 25 anos de atuação dedicada naquela popular emissora.

— DIA 2 — Neste dia, Blumenau registrou seus 133 anos de fundação. As comemorações limitaram-se a solenidades oficiais, já que não havia ambiente ainda para as grandes festas tradicionais, em face das trágicas enchentes de julho. A principal solenidade deu-se no Mausoléu Dr. Blumenau, aonde diversas entidades, clubes de serviço e a municipalidade, colocaram coroas de flores, tendo havido brilhante alocução do prefeito Dalto dos Reis.

— DIA 2 — Neste dia, a Rádio FM Tropical, de Blumenau, pertencente ao sistema JSC de Comunicações, registrou a passagem dos seus três anos de atividade, desenvolvendo um trabalho primoroso de comunicação durante as 24 horas do dia.

— DIA 3 — Neste dia, a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Blumenau esteve em festas com o registro do primeiro centenário da Comunidade Evangélica de Itoupava Central, em cujo local houve uma série de expressivas solenidades que contaram com a presença além de outras personalidades vinculadas à instituição do presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, pastor Ernesto Kunert.

— DIA 3 — Neste dia faleceu em Berlim Ocidental, na Alemanha, o último neto direto do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Trata-se de Hermann Blumenau Neto, que contava, ao falecer, 79 anos de idade. Seus restos mortais, futuramente, virão para Blumenau e serão depositados no Mausoléu em que se encontram os restos mortais de seu avô.

— DIA 10 — No Teatro Carlos Gomes, registrou-se a apresentação do Balet Rita Pavão, de Curitiba.

— DIA 14 — Neste dia, o Grupo de Teatro Vira Lata, do Teatro Carlos Gomes, começou a segunda parte do Projeto Arte Viva, que visava percorrer cerca de 50 escolas de Blumenau, levando a peça infantil Camaleão e as Batatas Mágicas. O Grupo é dirigido por Carlos Jardim. O objetivo da campanha foi o de atingir em 30 dias cerca de 40 mil crianças na cidade de Blumenau.

— DIA 14 — No hall da Reitoria da FURB, teve lugar a abertura da exposição intitulada "Desenho, forma de comunicação universal", com trabalhos de autoria da artista gaúcha Liana Timm, promoção do Núcleo de Atividades Culturais daquela instituição.

— DIA 14 — Neste dia foi escolhido por uma Comissão Especial o Operário Padrão de Blumenau, do corrente ano. A escolha recai na pessoa do Sr. Harold Kossmann, mecânico de manutenção da Cia. de Cigarros Souza Cruz, Harold tem 49 anos e trabalha naquela empresa há 19 anos.

— DIA 17 — Em comemoração pela passagem dos seus 90 anos de fundação, foi realizado na Sociedade Esportiva e Recreativa Ipiranga, de Itoupava Norte, um grande baile, denominado "Baile dos 90 Anos", que teve a animá-lo o afamado Conjunto Tropical Brazilian Band.

— DIA 18 — Tendo como solista o pianista Artur Moreira Lima, a Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes realizou mais um concerto da temporada de 1983, o qual contou com numeroso público e muitos aplausos.

— DIA 22 — Neste dia, registrou-se a passagem dos 12 anos de fundação do Jornal de Santa Catarina e neste dia circulou a 3.660 edição daquele órgão de comunicação integrante da imprensa catariense, como sede e oficinas à rua São Paulo, em Blumenau.

— DIA 22 — Neste dia foi realizada a solenidade de abertura da Exposição Anual de Orquídeas de Blumenau, promovida pelo Círculo de Orquidófilos de Blumenau e com o apoio e incentivo da Secretaria de Turismo da Prefeitura. A exposição foi realizada nas dependências do Mausoléu Dr. Blumenau.

— DIA 22 — No Grande Auditório do Teatro Carlos Gomes registrou-se a apresentação do Grupo de Teatro Ladrilho Di Versus com a peça "A Sombra Assanhada do Medo".

— DIA 23 — Neste dia, a população de Blumenau passou a preocupar-se com a possibilidade de novas e grandes enchentes quando o rio Itajaí foi atingindo a marca de 10 metros.

— DIA 23 — As águas do rio Itajaí aqui causaram, mais uma vez, grandes transtornos à população, atingindo a marca de 11,10 m, acima do nível normal, tendo atingido numerosas ruas do centro e de bairros, inclusive chegando a vasar sobre a Rua 15 de novembro. Foram centenas as casas atingidas tanto no centro como nos bairros mais próximos. Diversas solenidades que haviam sido programadas na Semana da Árvore, foram suspensas.

— Neste dia a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do centro de Blumenau registrou a passagem dos seus 106 anos desde que foi lançada a pedra fundamental do atual templo, dia 23 de setembro de 1868 e finalmente inaugurada no dia 23 de setembro de

1877, portanto há 106 anos. Um decreto imperial de 10 de novembro de 1865 mandou construir o Templo e existiam, na época, em toda a colônia, 2.784 evangélicos. Não houve comemoração, mas o fato foi registrado por ocasião do culto realizado domingo, dia 25.

— DIA 26 — Neste dia, a ACIB — Associação Comercial e Industrial de Blumenau, comemorou, com um jantar no Tabajara Tênis Clube, a passagem dos seus 85 anos de fundação, contando com a presença de numerosos associados.

— DIA 27 — Com um culto ecumênico realizado às 9 horas deste dia, seguido de um almoço festivo, foi encerrada, na Casa São Simeão que abriga 87 anciãos, a Semana do Ancião, contando com a presença de numeroso público.

— DIA 28 — No hall da Reitoria da FURB, foi aberta a exposição da escultora chapecoense Dalme Marie G. Rauen, numa promoção do Núcleo de Atividades Culturais da FURB.

— DIA 29 — O cônsul honorário da R.F.A., sr. Hans Prayon, fez entrega ao prefeito Dalto dos Reis de um cheque de 1.320.000,00 (um milhão, trezentos e vinte mil cruzeiros), fruto de uma arrecadação feita entre os funcionários da Embaixada daquele país em Brasília, para auxiliar na reconstrução do Hospital Santo Antônio.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

— E teu tio Hermann? Sei que casou com a Carla, recebi seu convite e mandei-lhe com os cumprimentos um presente, mas infelizmente não pude ir.

— Fu fui, mas fui sozinho, para não chocar a burguesia dos Muller e dos Trommsdorf. Aliás, eu quero muito meu tio: é um camarada evoluído, um amigo.

— Estão felizes, pois não?

— Muito felizes, Carla é uma mulher admirável! E Blumenau, como vais com teu português?

— Otimamente bem! Quando estive, recentemente, com o embaixador brasileiro, ele só percebeu que falava com um alemão algum tempo depois de nossa conversa, que foi toda ela em português.

- O quê, então estás um verdadeiro brasileiro, hein?
- Estudei dois anos e tenho lido muito em português.
- Eu também estou aprendendo, já arranho bem em inglês e francês e agora o português estou, apenas começando. Na universidade tem um brasileiro que fala o alemão regularmente, ele quer aperfeiçoar-se, eu ensino-lhe o alemão e ele o português, vamos indo muito bem. Amanhã é dia dele vir até aqui para nossas aulas.
- Fritz, vai aprendendo porque se um dia, se Deus quiser, ainda fores para minha colônia o português ajudar-te-á muito.
- Carolina também está aprendendo, eu adoro estudar linguas. O que vais fazer amanhã?
- Amanhã, voltarei a embaixada para tirar meu passaporte, vou comprar material para um laboratório químico...
- Ué! Vai lecionar química?
- Eu tenho uma carta do cônsul brasileiro em Londres, Sturz, apresentando-me a um professor brasileiro de uma escola politécnica a ser instalada na Corte, no Rio de Janeiro, e o cônsul pede a ele para que eu leccione química, vou aproveitar até instalar, de fato, minha colônia.
- Eu acho que o laboratório você deve comprá-lo em Erfurt, tio Hermann é sócio de uma fábrica de instrumentos para laboratórios...
- Eu não sabia nada disso, Fritz! Ele nunca me falou e olha que fomos sócios alguns anos!
- É que ele herdou ações da fábrica que eram do vovô, ele só vai lá de ano em ano para receber os dividendos e os lucros.
- Ótimo, então comprarei em Erfurt, terei que ir lá para despedir-me dele, muito obrigado Fritz, pelo teu palpite, vou economizar dinheiro que não ando lá muito folgado não!
- Afinal quando partes para o Brasil?
- Já estou com a passagem, parto de Hamburgo dia 30 deste mês de Março de 1846, marca bem este dia e o ano porque eles passarão para história — disse Blumenau sorrindo, mas convicto, de que neste dia uma nova era começaria em sua vida.
- Queres dizer que vais a Erfurt e de lá para Hamburgo e depois embarcas para o Rio de Janeiro.
- Vou direto ao Rio Grande do Sul, inspecionar as colônias alemãs lá instaladas, depois volto via Desterro para o Rio de Janeiro para tratar então da minha colônia. O embaixador brasileiro, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, só voltará para a Corte, no Rio de Janeiro, entre outubro ou novembro deste ano. Vou esperar que ele retorne ao Brasil para, realmente dar início de meus planos colonizadores e começar a escolher o local para minha colônia, Fritz!
- Vivo, Blumenau, meu mundo de indecisão! Sou um homem, como dizem os marinheiros, à deriva! De hoje em diante, mais uma hipótese entra para o labirinto de meu destino, a tua colônia, Blumenau!
- Terás todas as informações sobre o andamento de minha

colônia lá no Brasil e eu ficarei aguardando-te, aliás, quando vier buscar meus primeiros colonos, procurar-te-ei, estejas onde estiveres Fritz, hei de encontrar-te, meu bom amigo.

— Então Blumenau, assume neste momento solene o compromisso de procurar-me. Se não fosse um “materialista”, teria comigo uma Bíblia e tu, Blumenau, jurarias sobre ela que eu seria um de teus primeiros colonos — Fritz falava sério e compenetrado dando em seguida uma gostosa gargalhada — Imagina só, eu um naturalista, segundo você mesmo, Blumenau, há pouco falaste acabar em tua colônia lá no Brasil! Positivamente, Blumenau, vivo, sem dúvida, um mundo de sonhos “maravilhosos”!

— Afinal, Fritz? Há, ou não há, uma possibilidade mesmo que remota, de um dia ires para minha colônia?

— Vamos falar sério...

— Mas eu estou falando sério Fritz, e sempre falei quanto a possibilidade da tua ida, junto com Carolina, Fritz, lá para o Brasil, e por que não?

— Está bem, bem meu amigo, poderá haver essa possibilidade sim, eu é que no momento estou confuso quanto ao meu futuro. Sei que me formarei médico em 1849, até lá, conheço meu destino, mas... depois, tudo será possível, inclusive bater com meus costados na tua colônia. Portanto, podes mandar, como já combinamos, tua propaganda e quando vieres buscar teus colonos, quando mais ou menos, isso se dará?

— Nunca antes de tua formatura em 1849, poderá ser logo em seguida, tudo depende das circunstâncias.

— Então está combinado, manda tua propaganda, Carolina e eu estudaremos e na tua vinda aqui tudo será resolvido, definitivamente. Vamos dormir que já é muito tarde, Blumenau.

— Boa noite Fritz!

30 DE MARÇO DE 1846 — O EMBARQUE PARA O BRASIL

I

Na manhã seguinte Blumenau despediu-se de Fritz, voltou a embaixada brasileira e à noite embarcou para Erfurt, sua última etapa na Alemanha.

Eram dez horas da manhã quando de malas na mão chegou ao escritório de seu ex-sócio, Hermann Trommsdorf:

— Mas que surpresa agradável, Blumenau! Dá cá a mala e não procura hotel não. Vamos lá para casa.

— Ora, vou incomodar Carla, Trommsdorf!

— Ela vai ficar radiante, meu amigo, com a tua visita e mãe também.

— Ah! Continuas morando com tua mãe, então?

— Claro, naquele casarão cabe muita gente, meu amigo.

— Como vai tua mãe?

— Com seus achaques... suas queixas de gente velha, mas está muito bem.

— E Carla?

— Maravilhosamente bem, vais ter uma surpresa...

— Está grávida!

— Quem te disse, Blumenau!

— Adivinhei, meu amigo!

— Pensei que estivesse em outro lugar antes daqui, já ia brigar contigo. Tenho muitos ciúmes de minhas amizades. Fala de teus negócios, como vais, como vão teus planos colonizadores?

— Embarco em Hamburgo fim deste mês para o Brasil, está comigo já a passagem.

— Não me digas, já tão cedo!

— Ainda tenho dois dias aqui.

— Então vou avisar Carla que faça um jantar gostoso, convide todos os seus, dizendo-lhe que teremos para a noite um convidado muito especial! Será uma surpresa para ela. Nós almoçamos aqui perto do escritório, assim teremos muito tempo para pormos nossas conversas em dia, que achas, Blumenau?

— Para mim está ótimo! Mas, vais dar muito trabalho a tua mulher, meu caro Hermann!

— Não te preocupes, ela adora você, constantemente falamos de ti e sempre com muitas saudades.

— Já confessaste a ela o teu "mal" da primeira noite que fomos à sua casa?

— Já, e foi uma gargalhada geral. De quando em vez minha sogra ainda me goza e ela levou muito tempo sem poder olhar para mim, sem dar uma boa risada.

— E as irmãs de Carla já casaram?

— Ainda não. Analise, estuda ainda e Urda, está quase noiva. Mas, vamos ao que serve Blumenau. Tenho aqui uma carta do Consulado Brasileiro em Londres.

— Ah!... É do cônsul Sturz, quero vê-la, Trommsdorf, é um assunto que teremos que discutir, mas antes, cadê a carta?

Hermann Trommsdorf apanhou a carta em sua escrivaninha e depois de Blumenau lê-la, comentou:

— Ele está dando instruções de como mandar o material do laboratório para o Brasil. Terei que mandá-lo em seu nome, citando que é material diplomático, para facilitar o desembaraço na Alfândega no Brasil.

— Ué? Vais comprar um laboratório, de quê ?

— De química, e segundo o Fritz, tu és interessado em uma fabrica aqui em Erfurt, de tais materiais!

— Eu?... Ahhhh!... Sou sim, o Fritz tem razão. Foi herança de papai.

— Então teremos que hoje à tarde ir até lá fazer a encomenda. Quero embarcar o material logo para o Brasil.

— Espera Blumenau! Afinal, vais ser colonizador ou vendedor de produtos de laboratórios químicos?

— Nada disso Trommsdorf, enquanto não me instalo com minha colônia, vou ser professor de química numa escola que vão criar na Corte. É uma escola, segundo o Cônsul Sturz, politécnica que já estão instalando lá.

— Ah!... Então vamos almoçar e depois do almoço vamos até a fábrica para resolver de vez este assunto. Mas, tem uma outra carta de tua mãe, segundo me parece pela letra que já é minha velha conhecida de outras e muitas cartas que recebias em outros tempos. — Hermann apanhou entregando-a a Blumenau que sorrindo disse o acerto de seu bom amigo.

— É dela sim. Aí vem reclamações das minhas loucuras etc... etc...

— E os teus concordaram, de fato, com as tuas loucuras colonizadoras?

— Papai, mais ou menos, e mamãe e minhas irmãs não concordaram de forma nenhuma, mas, acabaram cedendo porque viram a inutilidade de seus propósitos contrários. De um modo geral, todos foram contra, mas, de nada adiantou, aqui estou seguindo meus rumos colonizadores, mais confiante do que nunca numa remota e difficilima vitória, porém, cheio de confiança e muita esperança de sucesso.

— Blumenau, você ainda tem um saldinho aqui comigo, vamos a fábrica do material de laboratório, farás as compras, eles sacarão contra mim e nós acertamos o saldo e de vez fecharemos nossas contas, estás de acordo?

— Plenamente, meu caro Trommsdorf. Vamos logo ao almoço não vais avisar Carla do nosso jantar?

— Já mandei um empregado em casa com um recado.

Depois de escolhido todo o material para o laboratório químico, Blumenau lembrou-se que a compra teria que ser à vista:

— Trommsdorf! Terei que pagar à vista e preciso da fatura em meu nome para o desembarço na alfândega do Rio de Janeiro.

— Mas, porquê?

— Porque a caixa será despachada em nome do cônsul Johann Jacob Sturz — Alfândega — Rio de Janeiro — Brasil. Mas, a fatura tem que ter meu nome para provar que o material é meu, e não do cônsul!

— Está bem, então terás a fatura como desejas.

Já eram quase seis horas da tarde quando Blumenau e Trommsdorf deixaram a fábrica de aparelhos e foram direto para o bar do restaurante para o aperitivo e fazer hora para o jantar.

— E o Fritz como vai, Blumenau?

— Ele vai, relativamente bem, ainda meio confuso quanto ao seu futuro, duma coisa tem certeza, atualmente, vai completar seu curso de medicina e daí em diante há, até, a remota possibilidade de acabar em minha colônia!

— Será possível, Blu... me... nau?!

— Com o Fritz, depois de toda a confusão armada pelo seu

próprio pai, tudo poderá acontecer e eu confesso, vou mandar-lhe toda minha propaganda e quando vier buscar meus primeiros colonos, espero que o Fritz e a Carolina sejam dois deles.

— Estás brincando, Blumenau!

— Vamos ver! Não estou brincando não. Foi o que combinamos.

— E quando é que esperas vir buscar teus primeiros colonos?

— Nunca antes de 1850.

— Queres dizer, só daqui a quatro ou cinco anos, mais ou menos?

— São cálculos folgados, mas deve ser mais ou menos nesta época!

II

Depois de apanharem as malas de Blumenau no escritório foram para o jantar. Eram quase sete horas da noite quando Trommsdorf pegou o molho de chaves e abriu a porta sem fazer grande barulho, e os dois entraram silenciosos e foram direto para a sala de visitas que ficava ao lado da entrada. Blumenau sentou-se, puseram as malas escondidas atrás do grande sofá e Trommsdorf foi ao encontro de Carla e os demais.

— Infelizmente minha querida, o amigo que esperava para o jantar não veio hoje, virá só amanhã!

— Mas quem era esse teu amigo, querido?

— Um amigo de infância que muito queria te conhecer...

A mãe de Trommsdorf que estava sentada em sua cadeira de balanço, tricotando, parou o tricô e deu seu palpite sorrindo:

— Carla! Eu juro que Hermann está mentindo. Ele quer fazer suspense, Carla.

— Não minha sogra, a cara dele é de quem está decepcionado, não é meu amor?

— Exatamente minha querida!

Dona Ana e seu Adolfo ficaram surpresos vendo Hermann sozinho.

— Cadê o teu ilustre amigo, Hermann?

— Deu o bolo seu Adolfo!

— Então vamos ao jantar melhorado, não é Carla?

— Mamãe chame por favor Analise e Urda e vamos jantar. Minha sogra queira ocupar, por favor, seu lugar. Papai e mamãe sentam aqui ao lado de d. Ema... Já que não temos o convidado especial cada um pode ocupar os lugares vagos restantes. Urda retira, por favor, os pratos e os talheres do convidado, e diz a empregada que poderá servir o jantar.

(Cont. no próximo número)

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

PELOS CAMINHOS DO SUL

Um ano já é passado quando findo a leitura do livro com que Mário Marcondes de Albuquerque enriquece as letras sulinas. Estive em Curitiba, por ocasião do lançamento, no saguão da Biblioteca Pública do Paraná, onde a intelectualidade catarinense se fez ausente e tive, embora improvisando, que arvorar-me em intérprete dos coestaduanos. É deveras lamentável que coisas assim aconteçam, mormente em se tratando de um escritor que tem fundas raízes em nosso Estado e quando a obra nos interessa tanto e tão de perto.

“Pelos caminhos do sul”, é um ensaio sério, como costumam ser os desse autor, um deles já comentado por mim, nesta mesma coluna. Estribado em longa e paciente pesquisa, a povoação do sul do país, as dificuldades para estabelecer as primeiras ligações, os antecedentes da guerra dos fanáticos, com seus monges, a batalha do Irani e a morte do capitão Matos Costa.

Nessa parte, para mim a mais apaixonante do livro, consegue o autor, superando os fatos históricos, dar-lhe uma conotação romanesca, agradável e empolgante, sem perder a rigidez científica que preside o desenvolvimento dos seus trabalhos. Ali estão relatados fatos curiosos, e sobre os quais convergem os interesses de tantos estudiosos, que nos fornecem uma visão precisa desse período tão interessante de nossa história.

O livro, que é uma publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, tem excelente apresentação gráfica, vem obtendo boa acolhida da crítica e dos leitores e se constitui em preciosa contribuição para o perfeito conhecimento histórico e sociológico do nosso povoamento.

E a noite de seu lançamento, em que pese a ausência de quantos tinham a obrigação de estar lá, foi um fato marcante para a cultura dos dois Estados irmãos e, para mim, motivo de inolvidável recordação.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE

PAUL SCHWARTZER

No número anterior desta revista, publicamos o início do diário de viagem de um imigrante como sendo o de Júlio Gärtner. Trata-se de uma tradução de um diário manuscrito que chegou às nossas mãos há tempos atrás, redigido em língua alemã. Providenciamos alguém que fizesse a tradução. Os meses se passaram. Um dia, eis que aparece sobre nossa mesa de trabalho, uma tradução de diário com termos que pareciam idênticos aos que vislumbramos no diário manuscrito que fora encaminhado para tradução.

Não tivemos dúvidas. Fizemos a introdução, intitulamos como sendo o de Júlio Gärtner e publicamos os primeiros tópicos.

Logo que "Blumenau em Cadernos" circulou, fomos procurados por descendentes de Júlio Gärtner para que pudessemos acrescentar, no decorrer das publicações dos tópicos, outros detalhes atinentes à genealogia da família Gärtner, descendente e ascendente de Júlio. Todavia, ante a leitura mais apurada das páginas do diário traduzido, feita por um dos descendentes de Júlio Gärtner, chegou-se à conclusão certa de que o presente diário, com publicação iniciada no número anterior, não é de Júlio Gärtner, mas sim do imigrante Paul Schwartzer que veio naquela época para o Brasil, instalando-se mais tarde na Colônia Brusque juntamente com seus pais e irmãs.

O primeiro tópico publicado, portanto, não perde sua validade, quando transferimos sua autenticidade como sendo de Paul Schwartzer em lugar de Júlio Gärtner.

Quanto ao diário de Júlio Gärtner, que sabemos também existe e que procuraremos localizar, haverá de ser publicado, assim como, com a colaboração dos seus descendentes residentes em Blumenau, esperamos poder apresentar muito em breve, uma completa genealogia, mostrando a grande descendência deixada nesta região por aquele imigrante que também veio para Blumenau mais ou menos na época de Paul Schwartzer.

Feitas estas explicações com retificações que se faziam necessárias, por cujo equívoco nós penitenciamos perante nossos caros leitores, vamos dar prosseguimento hoje ao diário que é de Paul Schwartzer:

Sábado, 4 de outubro de 1862

Ainda hoje estamos impedidos em continuar a viagem porque o vento está desfavorável.

À tarde descemos um bote e, o capitão, o piloto que acompanhou nosso navio sobre o Elbe até o mar, e alguns passageiros, en-

tre os quais também eu me encontrava, fomos em terra para Cuxhaven e Ritzebötte, e voltamos à noitinha, após o que, pois, hoje pisamos pela última vez a terra firme por um longo tempo.

Domingo, 5 de outubro de 1862

Hoje finalmente o vento é favorável e nós velejamos rapidamente em direção ao mar do Norte, vimos ao anoitecer a ilha Helgoland que se ergue como uma rocha íngreme de dentro do mar.

Segunda-feira, 6 de outubro de 1862

Vento favorável.

Hoje aparece entre nós o enjôo e todos os passageiros estão acometidos dele e eu também não fui poupado, mas para mim ainda está suportável.

Terça-feira, 7 de outubro de 1862

Vento desfavorável, o qual até se transforma em tormenta. O navio é jogado pelos vagalhões como uma bola, para lá e para cá, e de vez em quando um vagalhão abate-se com enorme ruído sobre nossa cobertura. Pelo balanço forte do navio o enjôo ficou ainda pior e todos são terrivelmente atormentados, especialmente torna-se muito incômodo pela depressão que aparece com ele.

Quarta-feira, 8 de outubro de 1862

Hoje à tarde alcançamos, sob vento favorável, o Canal La Manche e vemos as costas brancas da Inglaterra e França.

Quinta-feira, 9 de outubro de 1862

Também hoje o vento ainda está favorável e nós navegamos rápidos pelo Canal.

Hoje vimos a ilha inglesa Wight. O enjôo eu consegui dominar, somente ainda sinto falta de apetite, mas a maioria dos passageiros ainda está tomada pelo enjôo.

Sexta-feira, 10 de outubro de 1862

Hoje o vento está desfavorável. Pelo meio-dia nós saímos do Canal, entrando no Oceano Atlântico.

A noite o vento tornou-se muito forte, de tal forma que nós, em nossos beliches, eramos balançados para lá e para cá, como crianças no berço.

Sábado, 11 de outubro de 1862

Também hoje o vento está contra nós e aumenta à noite em violência.

Domingo, 12 de outubro de 1862

A tormenta hoje alcançou uma tal violência como até agora ainda não vimos. Os vagalhões rolam como montanhas em volta do nosso navio e golpe após golpe lançam-se sobre o convés.

Oferece um espetáculo assustadoramente belo ver o mar jogando selvagememente, como vaga após vaga se lança e a espuma branca é lançada para o alto e o navio é arremeçado logo numa depressão.

Mas à tarde a tormenta amainou novamente um pouco, embora nós ainda derivássemos sempre na direção errada.

Segunda-feira, 13 de outubro de 1862

Também hoje ainda o vento não está de acôrdo com nosso desejo, mas não está mais tão forte.

O tempo até hoje estava frio e desagradável.

Terça-feira 14 de outubro de 1862

Ao acordarmos fomos surpreendidos tristemente pela notícia de um infeliz acontecimento, pois esta noite o Anjo da Morte procurou nosso navio e dentre nós roubou a seus pais (serralheiro Simon) uma menininha pequena de cachos louros de 5 anos; a mesma tinha apanhado um resfriado e morreu em consequência de convulsões. E a todos desolou muito este fato. O pequeno corpo foi costurado em lona, carregado com carvão de pedra, e ao anoitecer, em todo silêncio e somente na presença dos marinheiros, sepultado em seu tumulo molhado.

Quarta-feira, 15 de outubro de 1862

Vento não muito favorável, mas não violento.

Quinta-feira, 16 de outubro de 1862

Outra vez vento não muito favorável, tornando-se violento à noite.

Sexta-feira, 17 de outubro de 1862

Hoje o vento é favorável e velejamos rápido.

Sábado, 18 de outubro de 1862

Hoje está um pouco tormentoso.

Domingo, 19 de outubro de 1862

Sob vento favorável viajando muito bem.

Segunda-feira, 20 de outubro de 1862

O tempo e o vento estão bonitos e favoráveis, o ar fica agora cada dia mais amêno.

Sentamo-nos, quando as noites estão bonitas, nos botes que estão amarrados no meio do convés e oferecem um lugar bem agradável, divertimo-nos com animadas conversas e canções até a noite fechar e o mar começar a ficar luminoso.

Terça-feira, 21 de outubro de 1862

Também hoje o vento está favorável e o tempo bonito.

Quarta-feira, 22 de outubro de 1862

Novamente vento favorável e mar calmo.

Quinta-feira, 23 de outubro de 1862

O vento hoje está muito fraco, é quase calmaria. O tempo está muito bonito e agradável, por isso nós passageiros estávamos na melhor disposição, mas em breve esta seria transformada no maior dos sustos por um acontecimento impressionante, os fatos são os seguintes: nós estávamos sentados, quase todos passageiros, após o jantar, nos botes, os quais já mencionei e estávamos alegremente animados, o que se manifestava pelas exaltantes canções que cantávamos, quando, de repente, souu sôbre nós um estalar e crepitar assustador, de tal forma que pensamos no momento ser o mastro quebrando em cima de nós! Susto! nós nos vimos logo num perigo ainda maior, pois o horrível barulho fôra causado pelo abalroamento com

um navio desconhecido e o nosso; agora reconhecemos todos nós o grande perigo e esperávamos a cada momento sentir o afundamento do nosso navio sob nossos pés; mas enquanto a maioria ainda permanecia galvanizada pela susto ou choravam e gritavam, o navio desconhecido (presumivelmente uma escuna inglesa) pela destresa de nosso timoneiro, fôra libertado do nosso, porque entrara com seus gurupés em nosso traquete, tinha danificado bastante a vela de traquete, rasgado a bujaronna, o bombordo da proa do lado esquerdo totalmente destruído e arreventado a escada de corda, afinal, causado um estrago considerável ao nosso navio. Tão logo o navio desconhecido fôra libertado do nosso e estar resolvido a continuar a viagem, apesar de que o nosso capitão, que espumava de raiva, lhes mandasse ficar em nossa proximidade, fomos todos às bombas, pois acreditávamos certamente que nosso navio fôra também danificado abaixo da linha da água, e trabalhávamos todos com a maior força corporal, revesando-nos; porém, graças a Deus, desta vez nossa vida e o navio estavam salvos, pois logo as bombas não traziam mais água; portanto o navio estava intacto sob a água.

Cordialmente agradecemos a Deus por nossa salvação, pois todas as nossas vidas estavam por um fio e não estivesse o mar calmo e o vento fraco, os navios teriam se chocado um contra o outro com uma violência muito maior e provavelmente todos os dois naufragado, assim nenhum de nós teria alcançado a terra de seus sonhos.

Mas Deus tinha resolvido de modo diferente!

Sexta-feira, 24 de outubro de 1862

A excitação ainda é grande e somente para uns poucos o sono reparador teve o seu certo valor.

Eu, por minha vez, após me ter certificado de que não havia mais perigo a temer, deitei-me na cama calmamente, ontem a noite e dormi bem, como também ontem, durante a terrível cena, nem por um momento perdi o sangue-frio, porém confortei a mim e aos outros, com as palavras: "nossa vida está nas mãos de Deus".

Durante todo o dia o acontecimento de ontem era o tema da conversa e tudo foi discutido e todas as possíveis suposições levantadas, de forma que em parte tem-se a opinião de que o navio desconhecido provocou propositadamente este acidente, pois o mesmo não mantinha acesas suas lanternas e durante o pavoroso momento nenhuma pessoa fôra vista sobre o mesmo, porquanto a tripulação só apareceu quando os navios já se encontravam separados novamente. Mesmo assim, também no nosso navio não foi tomada a devida precaução, e a tripulação encontrava-se no momento do abalroamento, exatamente jantando e tinha por causa da escuridão, o navio desconhecido não trazia lanternas, despercebido o navio em tempo, como também nós passageiros.

Porém este navio não saiu sem danos, embora em melhor situação que a nossa, porquanto pudemos notar, lhe quebrou a bujaronna e ainda outros estragos no gurupés, etc, foi sua parte.

Portanto hoje está nossa tripulação ocupada em consertar os

estragos da melhor maneira e o vento muito favorável de hoje (nós fazemos 8 1/2 milhas inglesas por hora) já nos levou para bem longe do local do assustador "affaire", que foi a 60 milhas ao norte da Madeira.

Sábado, 25 de outubro de 1862

O vento está muito favorável e forte e estamos viajando com tempo muito bonito, bem depressa; com isto acalmaram-se os animos excitados novamente e tudo volta ao antigo ritmo. Ao anoitecer passamos as ilhas Canárias e podia-se ver do mastro a ilha da Madeira.

Domingo, 26 de outubro de 1862

Vento e tempo ultra favoráveis e bonito. Nós velejamos com monção nordeste.

Segunda-feira, 27 de outubro de 1862

Vento bom; tempo instável mas bem morno.

Terça-feira, 28 de outubro de 1862

O tempo permanece imutável, bom com brisa bem forte.

Quarta-feira, 29 de outubro de 1862

O tempo ainda é o mesmo e brisa forte.

Quinta-feira, 30 de outubro de 1862

Ainda tempo bom e vento favorável. O ar está extremamente ameno e agradável.

Sexta-feira, 31 de outubro de 1862

Hoje eu festejo meu aniversário e meus pensamentos encontram-se muito na Pátria com meus queridos pais e irmãs que também pensarão hoje bastante e mim. É o primeiro aniversário que passo separado dos meus. Da maioria dos passageiros e também a tripulação do navio fui parabenizado. Mas todos estes votos não puderam substituir os dos meus pais e irmãs.

O tempo hoje está novamente bem e o mar calmo e eu vi hoje pela primeira vez peixes voadores, que em bandos voavam pelo mar e os marinheiros me contaram que procuram fugir da perseguição dos golfinhos.

Sábado, 1 de novembro de 1862

Tempo muito bom e quente. A noite pelas 8 horas chuva forte, que durou toda a noite.

Domingo, 2 de novembro de 1862

O tempo está hoje novamente bom e quente e dirigimo-nos para o sul em direção ao Equador.

Segunda-feira, 3 de novembro de 1862

O tempo ainda o mesmo, sempre bom e quente. Enquanto isto muito boa brisa. Hoje se abateram 2 peixes voadores, dos quais o mar aqui formiga, sobre a coberta do nosso navio; deles um dos marinheiros me presenteou, o qual mandei preparar para o jantar e que me apeteceu muito. Suas duas barbatanas peitorais que são provi-

das de uma membrana, lhes servem para voar, estendi sobre um papel para guardá-las.

Terça-feira, 4 de novembro de 1862.

Hoje o céu está coberto de nuvens e o ar está muito abafado, mas o vento permanece até a noite pelas 6 horas, muito bom, mas então mostrou-se ao sul uma nuvem escura de chuva; logo entrou calmaria e a chuva caiu em cântaros, o que durou toda a noite, mas durante a mesma o vento repentinamente tornou-se tão forte e o navio singrava como uma flecha pelas ondas.

Quarta-feira, 5 de novembro de 1862

Ainda está chuvoso, mas o vento está muito bom, embora fraco, o que já é um sinal da proximidade do Equador. Pelo meio-dia o vento tornou-se tão fraco que o navio quase fica parado no mesmo lugar.

(continua...)

“Weingarten” em campanha pró-Blumenau

É verdadeiramente impressionante observar com que entusiasmo, solidariedade e amor, se desenvolveu em Weingarten (cidade alemã do sul da Alemanha Federal e perto do Lago de Constança) a campanha iniciada pela Prefeitura Municipal daquela cidade amiga, em prol de nossa Blumenau:

Jornais trazendo artigos ilustrados; Hermann Suesseguer (mais conhecido entre nós como Professor Germano, lecionando por muitos anos no Colégio Santo Antônio) organizou diversas conferências, falando sobre a catastrófica enchente de Julho 83, apresentando jornais e documentação fotográfica obre as cheias; o “Skatclub Blumenau” — sociedade que pratica o jogo de baralho mais tradicional da Alemanha — realizou em 24 de setembro um torneio em benefício dos atingidos pela enchente; um folheto “catástrofe de enchente em Blumenau/Brasil — cidade irmã de Weingarten”, juntamente com fichas especiais “donativos para os flagelados de Blumenau”, foram enviados pelo correio a cada uma das famílias residentes em Weingarten.

Em muito contribuiu para este evento maravilhoso, a visita pessoal, que o nosso prefeito Dr. Dalto dos Reis, em companhia do Secretário de Turismo Antônio Pedro Nunes, que também é vice-presidente do Conselho Curador da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, fizeram a esta cidade, visitando Weingarten por ocasião de sua recente viagem à Alemanha.

Rolf Gerich, prefeito de Weingarten, diz em sua carta de 7 de outubro de 1983:

“Prezado, caro colega Dr. Dalto dos Reis;

A ação “Auxilie a nossa cidade/irmã — Blumenau (Brasil)” está em plena marcha e em base ampla. Temos assim a esperança de

podermos contribuir com uma parte, para a reconstrução daquilo que um cruel destino destruiu. A ajuda vinda de nossa cidade, deverá ser dirigida especificamente para a reconstrução do "Hospital Santo Antônio".

Assim — ao lado do apelo para uma colaboração financeira — pedimos aos hospitais de nossa região a colaborar com doações de instrumentos cirúrgicos e material técnico-hospitalar, etc".

Esperando, que brevemente possamos remeter-lhe as nossas doações, subscrevo-me com cordiais saudações.

Rolf Gerich
Prefeito de Weingarten".

TÓPICOS DO FOLHETO elaborado pela prefeitura de Weingarten e endereçado a todas as famílias daquela cidade amiga:

Caros concidadãos de Weingarten!

Desde o ano de 1975 somos ligados à cidade de Blumenau no Brasil, por um "parcerismo de bandeiras" — bandeiras de nossas cidades, hasteadas por nossas prefeituras em dias especiais e festivos.

Foi o professor Hermann Suessegger — juntamente com seus amigos blumenauenses — o iniciador das relações de amizade entre as nossas cidades. O professor "Germano" (lecionando por longos anos no Colégio Santo Antônio de Blumenau), já por diversas vezes viajou com cidadãos de Weingarten ao Brasil, para visitar e conhecer a nossa cidade/irmã.

Neste verão (aqui na Alemanha) recebemos de Blumenau a notícia duma enchente catastrófica inimaginável. O Rio Itajai-Açu alcançou uma altura nunca vista nestes últimos 100 anos — sem luz, sem água potável, sem telefone e milhares de pessoas desabrigadas.

Apesar dos próprios problemas sociais e uma inflação de alto índice, brasileiros de todas as regiões do país, iniciaram uma ação de solidariedade nunca vista, para socorrer os seus irmãos do Sul.

Weingarten também deseja ajudar a sua cidade/irmã e resolveu patrocinar a reconstrução do Hospital Santo Antônio. Pois é este o Hospital, que atende essencialmente a classe pobre da população.

Numa ação paralela, as nossas duas igrejas destinaram a renda da "Festa da Colheita", realizada em 2 e 9 de Outubro, aos flagelados de Blumenau. As doações conseguidas por estas igrejas — a católica e a evangélica — serão remetidas diretamente para as respectivas paróquias de Blumenau — ajudando estes, que mais ajuda precisam.

O professor Germano, sentindo no próprio corpo as conseqüências da enchente (passando as suas férias ilhado num Hotel de Blumenau) falará no dia 29 de setembro na Casa Paroquial Evangélica, sobre Blumenau e suas cheias, apresentando amplo material documentário.

Ajude também você a aliviar os sofrimentos dos irmãos de nossa cidade/irmã brasileira.

Rolf Gerich
Prefeito da cidade de Weingarten/Alemanha".

Um exemplo de escotismo

Chegou às nossas mãos, há dias, por bondade de um prezado amigo, um exemplar do Relatório da Jornada escoteira realizado e elaborado pelo jovem Fernando Mayerle, cujo trabalho serviu como teste para ser apreciado e analisado afim de que o mesmo pudesse ser ou não ser elevado à categoria de Escoteiro de 1ª. Classe.

Depende assim do desempenho, do esforço, da dedicação e do entusiasmo de cada um, o fator preponderante para que alcence seus objetivos, ou seja, a elevação àquela categoria.

Assim é que, no dia 30 de março do corrente ano, o jovem Fernando Mayerle recebeu do seu chefe Lobo Cinzento, a incumbência de realizar a sua Jornada, recebendo, para tal fim, o roteiro que deveria percorrer e através do qual, anotar e analisar tudo o que fosse interessante relatar. E Fernando Mayerle cumpriu sua missão, realizando um excelente trabalho, contido num substancial volume.

Prestando nossa homenagem ao Grupo de Escoteiro Leões que neste mês de Outubro (dia 13) registrou seus 25 anos de fundação e, portanto de plena atividade em favor da comunidade blumenauense e pela comunidade escoteira universal, achamos oportuno publicar em tópicos o que de mais interessante e atraente encontramos no relatório de Fernando Mayerle, que fez a sua Jornada acompanhado de outro colega, o jovem Dênio Scottini.

Eis portanto os primeiros tópicos da Jornada e que são intitulados:

SINOPSE — INTRODUÇÃO e JORNADA:

"SINOPSE"

"Iniciou-se no dia 30 de março de 1983, onde saímos da chácara do Sr. Buhatem às 14:25 hs. onde recebemos a instrução do chefe Guilherme, daí partimos em direção ao local de pernoite, na Igreja Evangélica de Blumenau — Distrito de Garcia Alto.

Durante o percurso até a Igreja consegui realizar muitas provas.

Já no dia seguinte, concluímos as provas que faltavam. Almoçamos nas Minas da Prata, local de chegada, onde o chefe nos deixou por volta das 14:26 hs.

INTRODUÇÃO

Todo escoteiro para poder ostentar o distintivo de 1ª classe, realmente deve fazê-lo com orgulho, para poder ter orgulho de ser escoteiro de primeira classe este deve ser conquistado com esforço próprio.

Realizei a "JORNADA" com meu amigo Dênio Scottini, donde deixo meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ao chefe Peter e principalmente ao chefe Guilherme.

JORNADA

Participantes — Fernando Mayerle; — Dênio Scottini.

Percurso — Bairro da Velha — Bairro Garcia — Alto.

Data — 30/03/83 a 31/03/83.

Saí da minha casa no dia 30 de março de 1983 às 12:34 hs. de carro com a minha mãe e fomos buscar o Dênio.

Depois fomos para a Sede do Grupo onde estava esperando o Chefe Guilherme e o Chefe Peter.

Chegando lá o Chefe inspecionou a minha mochila e me deu as instruções e as provas para eu ler.

Depois de ter lido perguntei ao chefe as minhas dúvidas, despedi-me da minha mãe e fomos para o local de partida.

Chegamos na chácara do Sr. Jorge Buhatem, às 14:15 hs. localizado no Bairro da Velha Central.

Partimos às 14:25 hs..

Atravessamos do Bairro da Velha para o bairro da Garcia local de pernoite, na Igreja Evangélica Luterana Distrito Garcia — Alto.

Este trecho da Jornada era uma picada e mato em volta, atravessamos este trecho em 1:45 min., foi lá que havia mais pássaros e mais espécies de árvores.

Passamos pelo Beco Zendron e aproveitamos para entrevistar o Major Tentini.

Daí fomos para a rua Amazonas e de lá para a rua Progresso. Foi o trecho em que constatei mais movimento e mais poluição.

De lá partimos para o local de pernoite, na rua Gaíba, rua secundária a rua Sta. Maria.

Chegando lá as 19:45 hs. o Dênio foi buscar água porque lá a SAMAE havia cortado a água.

Fizemos o jantar, arrumei algumas coisas e fomos dormir.

No outro dia levantamos às 5:15 hs. para a nossa surpresa o Chefe Guilherme veio de noite e deixou um bilhete com instruções.

Fizemos o café, arrumamos tudo e partimos para a escola Margarida Freygang, onde ia fazer o Percurso de Guiwell.

Chegando lá às 8:00 hs. Iniciei o percurso de Guiwell, que terminaria nas Minas da Prata local de término da Jornada.

A população da região se auto-sustenta com as lavouras, principalmente milho e aipim.

Chegando nas Minas da Prata às 9:45 hs. montamos a barraca, almoçamos e fomos dormir.

Esperamos o Chefe Guilherme até às 15:00 hs.

Quando ele, o Chefe Robinson e minha mãe chegaram fomos visitar o interior das Minas.

Depois arrumamos a mochila e fomos embora.

PROVA nº. 2

LEVANTAMENTO SÓCIO — ECONÔMICO

O poder aquisitivo da região é médio (principal meio de transporte é o transporte coletivo).

No trecho compreendido entre o Bairro da Velha e o Bairro do Garcia existem poucas casas, sendo o seu meio de transporte a carroça ou a bicicleta e seu trabalho e seu sustento são plantações de milho ou de aipim.

No trecho compreendido entre o começo do Beco Zendron até a Rua Amazonas a maioria da população tem como seu meio de transporte a bicicleta ou carros velhos ou antigos.

A maioria destas pessoas trabalham na fábrica ARTEX ou em pequenas indústrias.

Da rua Bruno Schraiber a rua Sta. Maria, muitos moradores trabalham em suas lojas ou pequenas outras fábricas.

Seu meio de locomoção é o carro ou o transporte coletivo, e o seu meio de comunicação é em alguns lugares o telefone ou o correio.

De lá até as Minas da Prata o único meio de transporte é a carroça e a bicicleta.

Em geral na região onde passei constatei o seguinte:

— O principal meio de transporte é o transporte coletivo, a bicicleta e a carroça.

— O principal meio de comunicação é o telefone e o correio.

— As principais habitações são: casa de madeira, casa de material, alguns prédios, barracos.

— Seus meios de sustento são trabalhos em fábricas, em suas lojas, nas suas plantações, em pequenas indústrias, em bares, etc...

— Suas plantações são de milho, de aipim, frutas, trato para animais e outros.

— Os grupos sociais são de classe ou POPULAÇÃO MARGINAL (oriundos do campo, que não se integraram a classe popular.), a CLASSE MÉDIA BAIXA (operários desqualificados, camponeses cuja renda é bastante baixa; corresponde a maioria da população.), e a CLASSE MÉDIA ALTA (composta de elementos de profissões liberais, bem remunerados, médicos, advogados, pequenos industriais, comerciante, etc).

— Postos de saúde: INPS (Instituto Nacional de Previdência Social). na Rua Amazonas; um consultório dentário (Major Tontini) e uma farmácia, também na Rua Amazonas.

— Uma grande indústria (a ARTEX), várias lojas e pequenas lojas e muitos bares.

— Delegacia de Polícia não constatei nenhuma.

— Corpo de Bombeiros, só o da ARTEX, mas atende nas redondezas em pequenos incêndios e salvamentos.

— Pronto-socorros só os do centro que atendem.

— RESUMINDO

— A região tem um poder aquisitivo MÉDIO não tendo assim lojas grandes, postos de atendimento médico (só o do INPS), mas tem algumas grande indústrias, médias e pequenas indústrias, nem postos de atendimento policial, nem corpo de bombeiros (só o da ARTEX).

— A população EM GERAL não se sustenta por agricultura e sim por lojas comerciais e indústrias (principalmente a ARTEX, que engloba todos os moradores da região).

— Seu principal meio de transporte é o transporte coletivo, o carro, a bicicleta e a carroça (mais no interior).

— Seu principal meio de comunicação é o telefone, o correio, o rádio e a televisão.

Mensagens que confortam

Sabemos que são freqüentes as cartas ou cartões postais que chegam as mãos do prefeito Dalto dos Reis ou do Secretário de Turismo, cumprimentando pelo esforço, pelo trabalho, que o governo de Blumenau desenvolve para reconduzir a cidade, seus bairros e subúrbios, ao que era antes da catastrófica enchente de julho e as que a antecederam.

Todavia, uma destas manifestações merece destaque. E “Blumenau em Cadernos”, que procura fazer a história do dia-a-dia de Blumenau para que tais registros sirvam como uma mensagem às gerações futuras, acolhe com entusiasmo o teor da carta que chegou às mãos do Secretário de Turismo de Blumenau, sr. Antônio Pedro Nunes e que fez dele o porta-voz desta manifestação de conceito, de

carinho e gratidão de quem escreve a toda a população blumenauense. Sem mais nada dizer porque a carta diz tudo, vamos, pois, transcrever na íntegra o seu texto:

“São Paulo, 20 de outubro de 1983.

AO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR
ANTÔNIO PEDRO NUNES
DD. SECRETÁRIO MUNICIPAL DE TURISMO DE
BLUMENAU — SC

Prezado Senhor:

Tivemos o prazer de, mais uma vez e com imenso júbilo, visitar a nossa muito querida e heróica cidade de Blumenau, nos dias 11 e 12 de setembro passado, integrando grupo de excursionistas da Soletur.

Durante essa nossa breve estada, pudemos sentir, direta e intensamente os efeitos do dilúvio que se abateu sobre o belo vale do Itajaí-Açu, especialmente sobre a nossa Blumenau e cujas marcas são enormes e profundas!

Todavia, ficamos satisfeitos ao ver o valoroso, nobre e altaneiro povo blumenauense lutando com denodo e resolução para superar seus problemas, advindos com as inundações. Nosso Grupo de Excursionistas, procedentes de vários pontos do País, constatou que os dias difíceis já tinham vencido, com galhardia, que a Cidade e o Povo, quais gigantes destemidos, se agitavam na reconstrução. Tudo estava voltando a seus lugares e à situação anterior.

Quando dos dias tormentosos de julho, que afligiram impiedosamente a nossa Blumenau, desfigurando-a, tumultuando-a e prejudicando-a tão duramente, bem como seus filhos, procuramos oferecer-lhes nossa colaboração anônima, humilde e pequenina, além das nossas preces ao Senhor da Vida, pedindo-LHE aplacasse os elementos e estendesse SUAS mãos santas, piedosas e paternas sobre todas as vítimas das inundações catastróficas.

Toda a colaboração oferecida pelo Povo Brasileiro, estejam certos os blumenauenses, foi bastante merecida.

Agora (que felicidade), constatamos jubilosos que a Heróica Blumenau venceu, após tantas lutas e enormes sacrifícios de sua Gente, as crises e, ressurgia das águas, qual Moisés, já se nos apresenta altiva, laboriosa, impecável e florida.

Ficamos, Senhor Secretário, profundamente comovidos quando, ao adentrarmos o Hotel Himmelblau, no dia 11 de Setembro, recebemos seu cartão de boas-vindas e de agradecimento pela nossa presença na Blumenau dos nossos sonhos.

Blumenau e o seu Povo nada nos devem; nós é que temos de agradecer e muito a humana e afetuosa acolhida de sempre. Nós é

que precisamos, e muito, louvar o entusiasmo, o estoicismo, a coragem e a perseverança dos Blumenauenses. Estar com Vocês, a todo momento, ainda que durante pouco tempo, é sentir-se GENTE, tais o carinho, a atenção, a ternura e o calor humano dos Blumenauenses, tão pródigos desses sentimentos superiores.

Blumenau, fiquem certos seus Filhos, nada deve ao Brasil ou aos Brasileiros que colaboraram nos seus momentos tristes e sombrios; nós é que, contritos, humildes e felizes, a reverenciamos, a amamos e a exaltamos, agora e sempre, pelo seu exemplo maiúsculo de luta, de valor e de resolução que Ela é e que provou ser. Parabéns a todos Vocês e obrigado, mil vezes obrigado, pelo que Vocês são.

Por favor, Senhor Secretário, receba nossos cumprimentos e estenda-os a todo o nobre e viril Povo da bela Blumenau, que, tanto amamos, com nossos votos de muito sucesso e infinita felicidade!

Que o Senhor os Abençõe, hoje e sempre.

Atenciosamente,

Irma B. Natali

José de Carvalho Natali

Endereço: Rua Abílio Soares nº. 121, apartamento 81
Paraiso — São Paulo — Capital.
CEP — 04005”.

Prefeito Dalto dos Reis recebe jornal alemão

O prefeito Dr. Dalto dos Reis recebeu dia 25 último, do sr. Otto Lapp, um exemplar do jornal alemão “Wunstorfer Stadtanzeiger”, que em sua edição do dia 20 de outubro, diz o seguinte:

**“Otto Lapp apresenta o seu filme documentário —
a cidade de Blumenau no Brasil”—**

“BLUMENAU. — A última reunião dos membros da comunidade de Blumenau (distrito da cidade alemã de Wunstorf), realizou-se sob o lema “Blumenau vê Blumenau”.

“Nesta ocasião pediu-se ao sr. Otto Lapp, que apresentasse o seu filme documentário, de três horas de duração, que este produziu durante a sua viagem de várias semanas, à cidade brasileira de Blumenau, no Estado de Santa Catarina. Entre os convidados da noite destacavam-se o prefeito Wilhelm Wegener (Blumenau/Wunstorf) e o urbanizador August Seegers, que juntamente com as suas esposas, já haviam estado duas vezes na longínqua Blumenau do Brasil.

A viagem do sr. Otto Lapp, acompanhado pelo sr. Heinrich

Gehle, — comandante do corpo de bombeiros do bairro de Kolenfeld, — deu-se em consequência dum convite formulado pelo seu amigo filatélico sr. Alfredo Wilhelm, de Blumenau/Brasil, com o qual estão ligados, há mais de dez anos, por profundos laços de amizade.

Após amigos e uma pequena delegação de Blumenau/Brasil haverem estado numa Festa de Rei, do Clube de Caça e Tiro da Blumenau “alemã” — vendo e conhecendo assim tradicionais costumes, — Otto Lapp e Heinrich Gehle responderam ao Convite, viajando ao Brasil.

Foi uma viagem de sonhos, que Otto Lapp registrou num fantástico e impressionante filme documentário. Chamando a atenção do público para a longa metragem do filme (três horas), os espectadores insistiram em presenciar o filme na íntegra. Otto Lapp, — além duma precisa e objetiva sonorização do filme, — aproveitou os intervalos, para comentar as suas aventuras, que ainda hoje o emocionam.

Também a inimaginável catástrofe das enchentes sofridas há poucas semanas e que atingiram seriamente Blumenau e o Estado de Santa Catarina, — causando vítimas e prejuízos de bilhões de cruzeiros, — foi recebido com visível perplexidade pela numerosa platéia de ouvintes interessados.

Após a sua conferência, Otto Lapp recebeu aplausos e ficou extremamente surpreso, quando o sr. Kurt Redzio — presidente da comunidade “Siedlergemeinschaft” — lhe entregou uma soma expressiva em dinheiro, para aliviar a situação de alguns dos nossos irmãos mais atingidos de nossa cidade-irmã, lá no longínquo continente sulamericano”.

(Tradução de Alfredo Wilhelm)

Os livros estão chegando

É com imensa satisfação que registramos, nesta edição, os primeiros resultados obtidos com o envio de cartas às editoras sediadas nos vários centros do país. Na correspondência, comunicamos as nossas perdas de livros e coleções levadas pelas cheias de julho, relacionando algumas das mais importantes perdas, como sejam, de grandes coleções como a Delta, a Abril, Medicina e Saúde, Eletrecidade, etc...

Agora começamos a colher os frutos deste trabalho. Já chegaram diversas doações, inclusive da Delta e outras valiosas obras, assim como numerosos livros de literatura, romances, etc...

Aos poucos, começa a renovar a nossa esperança de que, muito em breve, graças à compreensão de todos, inclusive de muitíssimos blumenauenses que já começaram a doar importantes obras, nossa Biblioteca voltará a ser o que era: um local agradável e eficiente para os que desejam fazer uma boa leitura ou apenas pesquisar.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Séara Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

